



A ACÇÃO CATÓLICA E A FORMAÇÃO DOS JOVENS

(Relato apresentado na Semana Diocesana de Estudos da A.C. do Patriarcado de Lisboa)

1. O nosso ponto de partida será uma rápida análise das linhas dominantes que caracterizam a juventude, e designadamente a juventude dos nossos dias. Partiremos daí para uma tentativa de definição dos grandes aspectos que devem integrar todo um trabalho de formação dos jovens que vise ir ao encontro daquelas características, e para uma emunicação de certas condições que parecem adequadas à sua realização.

Para falar só das características mais salientes, pode dizer-se que a fase da juventude se define por uma grande tendência e aspiração ao ideal e por uma grande capacidade receptiva. É a idade dos idealismos, da atracção dos extremos, do desejo de coerência, do não-conformismo com a mediocridade, com a rotina, com as atitudes de compromisso ou de meio-termo. É também a fase em que a personalidade, ainda em busca da sua própria definição, por esse mesmo motivo é facilmente modelável, cheia de frescura e desejo de novidade, caracterizando-se assim por grande receptividade e abertura em relação a influências exteriores, que sem dificuldade poderão vir a marcá-la.

O que poderemos chamar reverso destas mesmas características - que, em si, são altamente positivas e reflectem as possibilidades, verdadeiramente únicas, que a idade da juventude oferece para que nela se realize um processo de formação orientada que será sempre decisivo - o reverso dessas características, como dizia, acentua ainda mais a necessidade de que elas sejam aproveitadas no sentido de evitar que a personalidade do jovem se estruture mal - deformada ou incompletamente - e tal acontecerá sempre que ele, entregue a si mesmo, se deixe afundar na instabilidade psicológica, na incerteza de critérios e de juízos, no desequilíbrio dos excessos, na desordenação dos sentimentos - o que constitui afinal, de certo modo, os aspectos negativos das capacidades que atrás apontei.

É frequente encontrar nos adultos, em relação a estes traços da juventude, duas atitudes que igualmente não são legítimas: ou uma obstinação na desconfiança, por não verem senão esses aspectos negativos, ou uma sistemática indiferença, baseada na errada convicção de que se trata de aspectos puramente transitórios, que automaticamente passarão com a idade sem deixar rastros que valha a pena considerar. Estas atitudes estão geralmente na base da negligência ou ligeireza com que tantas vezes se vê encerrar, por parte dos adultos, não só os problemas dessa fase verdadeiramente decisiva da existência de cada pessoa, como a realização da tarefa, extremamente delicada e séria, que é, consequentemente, a da formação da personalidade de um jovem.

A complexidade e a gravidade desta questão acentuam-se ainda mais se pensarmos em certos aspectos que caracterizam mais especialmente a juventude dos nossos dias. Fruto de uma época em que as grandes sínteses estão por fazer, em que não se encontrou ainda o equilíbrio da integração hierárquica dos valores próprios da civilização actual em relação aos grandes valores permanentes que são de todos os tempos, e em que, por isso mesmo, a dispersão, o desencontro, a falta de harmonia

afectam todas as esferas do pensamento, dos interesses e da actividade humana - surgem-nos gerações de jovens marcadas por uma desorientação ideológica e cultural, um gosto do absurdo, um desequilíbrio moral, um culto do prazer e das coisas materiais, uma tendência à futilidade e à superficialidade, um desvio em relação ao essencial, um espírito desordenado de autonomia e independência que traz consigo a irreverência mais radical mesmo em relação a todos os grandes valores permanentes que se impõem ao homem. Não é difícil identificar e denunciar estes traços nas mais diversas situações concretas através das quais todos os dias estamos a ver manifestar-se a juventude actual - traços que afinal reflectem uma juventude entregue a si mesma, aos desequilíbrios que lhe são próprios (e que, se orientados, poderiam ser ponto de partida de grandes possibilidades de realização humana) e à desorientação do ambiente em que vive. O exemplo dos "teddy-boys", típico de deformação psicológica, ou os casos de perversão moral que atingem tantos dos nossos adolescentes e jovens - são documentos frisantes do que acabo de dizer. (1)



2. Com base no que resumidamente vimos, creio que podemos já apontar ao menos alguns dos grandes aspectos que devem integrar a formação dos nossos jovens. Ressalta claramente, em primeiro lugar, a necessidade de que essa formação tenha um sentido e um conteúdo verdadeiramente existencial, buscando no condicionalismo da própria vida as raízes em que assente e procurando dar uma resposta unificada e vital às grandes interrogações e problemas que ela comporta, incarnada nas circunstâncias de tempo e de lugar que contribuem para defini-la. Ressalta ainda a necessidade de que essa formação, fazendo apelo e correspondendo ela mesma a toda a capacidade de doação, de generosidade, de amor e de ideal que encontramos, sem reservas, na juventude, se oriente e tome como limite algo que corresponda à medida sem medida que pode satisfazer a sede de infinito que a atrai. Daqui, o sentido crístocêntrico que tem de ter toda a obra de formação da juventude. Tem de ser Cristo o ponto fulcral que unifica em si todo o conteúdo das múltiplas facetas que pode apresentar e processo formativo; todas elas, que devem contribuir para uma sólida estruturação interior do indivíduo, fundada na assimilação e na justa hierarquização de um quadro de valores essenciais, têm de convergir dinamicamente para um encontro pessoal e vital do jovem com Cristo. A valorização integral da pessoa, que toda a obra formativa tem em vista, não encontra sentido só por si e em si mesma, mas sim em ser um apelo crescente para Cristo, num tender para toda uma

(1) Não nos sendo possível apresentar aqui uma análise da situação da juventude portuguesa - para a qual, de resto, existem poucos dados elaborados - lembramos, no entanto, a consulta do trabalho do Rev. Côn. Dr. A. dos Reis Rodrigues, "A situação espiritual da juventude"; do relato "O apostolado e a juventude", apresentado na Semana Nacional de Estudos da A.C. em Fátima; e dos resultados dos inquéritos lançados pela JUC/JUCF e JOC/JOCF por ocasião da preparação dos seus Congressos Nacionais. Gostaríamos, contudo, de pelo menos enunciar aqui alguns factores que influem na situação moral e religiosa da juventude portuguesa: - cristianismo, tradição e rotina; geral ignorância religiosa; mentalidade de tendência anti-clerical; materialismo prático, acentuado em certos meios; escassez e falta de preparação dos educadores da juventude; ausência de orientação das formas de aproveitamento dos tempos livres para a juventude - baixo nível dos divertimentos e meios de difusão (imprensa, cinema e outros espectáculos, rádio, TV)

exigência unificada de Verdade e Amor que conduza a viver uma vida profundamente centrada n'Ele.

A Acção Católica, como escola de formação cristã da juventude, tem pois de partir de todos estes pressupostos fundamentais. E, tomando consciência da magnitude da responsabilidade que neste campo lhe cabe, tem de concentrar na formação dos membros dos seus organismos juvenis os melhores esforços e recursos de que possa dispor, subordinando-lhe quaisquer outros interesses ou preocupações. Por isso a própria acção, nos organismos juvenis, tem de ser encarada e realizada em função da formação, submetendo-se às exigências desta. Nesses, toda a forma de acção não tem sentido primordialmente por si mesma, mas sim na medida em que for instrumento ou condição eficaz da formação. A inversão desta perspectiva pode, na verdade, ocasionar graves consequências à realização da missão da A.C. em relação à juventude.

Mas, na formação que à A.C. compete realizar, há que acentuar um aspecto que especialmente lhe cabe como organização de apostolado: trata-se, evidentemente, da dimensão apostólica de que ela tem de se revestir necessariamente. A capacidade de doação, de generosidade, de renúncia e sacrifício, de serviço e amor dos outros, e de entusiasmo e abertura para os grandes ideais, que caracteriza a juventude, pode ser sobrenaturalizada e encontrar o seu justo ponto de aplicação num verdadeiro sentido e inquietação apostólica. A exigência de uma vida centrada em Cristo, longe de levar a um diálogo fechado e egoísta da pessoa com Ele, leva-a, muito pelo contrário, a viver e sentir em união com todos os seus irmãos, porque precisamente em Cristo se origina e se fundamenta e explica o seu profundo encontro com eles.

Mas a esse despertar e alimentar do sentido apostólico tem de vir corresponder e dar corpo a necessária preparação para a acção apostólica - fundação ou base humana da eficácia dessa acção que a Graça irá fecundar. A formação pessoal nos aspectos que adiante vamos ver, vem, pois, ao encontro não só dos pressupostos e exigências apontados de início, como também da necessidade de preparação dos jovens para a vocação de apostolado a que é chamado todo o cristão.

Ora a formação apostólica tem de atender a uma dupla dimensão que lhe dá sentido: a de despertar no jovem um profundo sentido eclesial, levando-o, não apenas a aprender teoricamente os fundamentos da missão dos leigos na Igreja, mas a esforçar-se por viver, consciente e palpavelmente, a sua inserção na vida da Igreja, e a orar, pensar, querer e sentir com Ela; por outro lado, a de prepará-lo para uma incarnação actuante no mundo, que parta de um conhecimento fundamentado dos grandes problemas dos nossos dias e vise uma influência cristianizadora das estruturas e das esferas vitais da sociedade (família, profissão, meios sociais, esfera cívica e política, vida internacional). Neste ponto é sempre oportuno acentuar que, se não compete à A.C., enquanto tal, a actuação directa sobre as estruturas, lhe cabe, no entanto, a preparação dos seus membros para actuarem cristãmente nelas sob sua responsabilidade pessoal.

A dupla dimensão apontada - sentido eclesial e incarnação no mundo - contribuirá também para situar o jovem perante o problema da sua vocação pessoal e apostólica, para cuja descoberta e concretização toda a acção formativa, ao mesmo tempo que ajuda a definição da personalidade, deve proporcionar alguns elementos básicos.

Vejamos então agora alguns pontos fundamentais em que, no contexto de tudo o que se disse, deve insistir todo o trabalho de formação a desenvolver pela A.C. em relação aos jovens:



-- exigência de intensa vida espiritual que, através da oração e dos sacramentos e alimentada na liturgia, leve ao contacto pessoal com Cristo e a uma inserção vital na Igreja

-- aprofundamento doutrinal, não só no campo do Dogma, da Moral, da Liturgia e da Bíblia, como no das implicações e relações das matérias profanas com a Verdade revelada. Só assim se poderá evitar o frequente desequilíbrio entre graus diferentes de cultura profana e religiosa, que em tantos casos é causa próxima ou remota da desorientação ideológica e da ruína moral dos jovens

-- fortalecimento da personalidade, na educação da inteligência, da vontade e da sensibilidade, e no desenvolvimento harmónico das qualidades naturais e das virtudes sobrenaturais

-- conhecimento e abertura para os grandes problemas do nosso tempo; visão cristã do mundo e da vida, e consequente sentido realista e fundamentado daquilo que é pedido a um apóstolo leigo dos nossos dias

-- sentido universalista, que leve a viver a dimensão universal da Igreja nas suas implicações concretas e se projecte no interesse e visão dos grandes problemas à escala internacional.

É, no entanto, muito importante ter em conta que não é na dispersão de actividades múltiplas que podem realizar-se com fruto estes aspectos da formação. Na verdade, os valores essenciais neles implicados, que é preciso comunicar e fazer viver, só serão profundamente assimilados pelos jovens quando apresentados e transmitidos de uma forma unificada, através da qual eles possam apreender o seu sentido global e o significado e possibilidade concreta da integração desses valores na vida de cada um.

Fundação Cuidar o Futuro

3. A eficácia da acção formativa sobre os jovens exige, como é óbvio, certas condições concretas de realização que lhe sejam adequadas. Assim torna-se fundamental que os métodos formativos correspondam, por um lado, à maneira de ser e aos interesses dos jovens, e, por outro, apresentem a maleabilidade ou a plasticidade suficiente para se irem ajustando à evolução da juventude no tempo. Este último aspecto significa que a A.C. não pode utilizar hoje as mesmas formas de actuação que terão tido a sua eficácia em relação às primeiras gerações abrangidas por este quarto de século que agora comemoramos; é fundamental e urgente que todos nos capacitemos disto (1). - Um estudo sério da evolução da juventude no decurso dos últimos anos, da sua fisionomia psicológica, moral e espiritual e do seu condicionalismo sociológico, impõe-se de forma premente, com vista a essa actualização de métodos e mesmo de estruturas, que toda uma nova problemática e uma nova situação existencial da juventude exigem.

Há, porém, certas constantes ligadas aos traços dominantes da juventude de sempre, que, por isso, devem informar sempre também os métodos formativos, e podem ser enunciadas aqui. Tendo presente tudo o que de início apontámos para caracterizar a idade jovem, não é difícil

(1) Vem a propósito lembrar a fraca penetração actual das Organizações juvenis da A.C. entre nós. Presentemente, menos de 4,5% das raparigas solteiras entre os 15 e os 29 anos pertencem à J.C.F., e menos de 1,6% dos rapazes, à J.C. A melhor penetração encontra-se nos meios universitário (respectivamente, 16,7% e 8,5%) e escolar (14,1% e 5,7%)





compreender que os elementos básicos da formação, que enunciámos, não poderão ser apresentados e transmitidos por forma puramente teórica ou discursiva, mas sim, mais frequentemente, por processos indutivos através dos quais esses elementos apareçam integrados no contexto vital que lhes é próprio e os enche de sentido. Assim, muito mais do que uma erudita conferência sobre liturgia ou sobre o sentido comunitário, terá valor para o jovem um campo ou um curso de férias, um passeio, um encontro de campismo, um fim-de-semana - meios que, de resto, vêm ao encontro dos seus interesses actuais - em que ele tenha ocasião de ser levado a viver concretamente, em ambiente propício, as mesmas realidades para que queremos despertá-lo e orientar a sua vida. Muito mais do que dissertar junto dele sobre espírito de serviço e sobre problemas sociais, valerá para o jovem uma possibilidade concreta que possamos oferecer-lhe de entrar em contacto directo com aspectos desses problemas e, através, nesse contacto vivo, o seu desejo de serviço e amor dos outros.

Importa que os nossos organismos juvenis enveredem mais decididamente pelo caminho que estes exemplos citados pretendem indicar; e importa, pelo seu alcance altamente formativo e pelo seu conteúdo profundamente cristão, que cultivem todas as realizações que possam fomentar o sentido de comunidade entre os jovens, e que tendam a realizar, tanto quanto possível, em ambiente comunitário, - pela grande eficácia que advém desse factor - as iniciativas de intenção formativa que promovam. - Liga-se directamente, na ordem prática, com o que acabo de dizer, o problema do ambiente, mais ou menos acolhedor, mais ou menos sugestivo, dos locais em que se realizam as actividades de formação. Mais do que geralmente pode supor-se, o ambiente circundante, de maior ou menor acolhimento, afecta a disposição do jovem, conferindo-lhe maior ou menor capacidade receptiva. Não é, pois, este um aspecto de desprezar no que toca ao ambiente dos nossos organismos juvenis, aos locais a escolher para a realização das actividades dos organismos. - E quanto a este ponto há muito a modificar e a melhorar entre nós.

Em parte relacionado com este aspecto, surge ainda o problema da orientação e ocupação dos tempos livres, cujo saneamento, como foi apontado atrás, se impõe no nosso país. A A.C. compete, não só um trabalho de esclarecimento das mentalidades nesse ponto, pela influência indirecta sobre os espectáculos, divertimentos e modernos meios de difusão - como também proporcionar ela mesma, em concreto, possibilidades de sã ocupação dos tempos livres, de acordo com a natureza da sua missão. Seria de desejar que os nossos secretariados se fossem tornando aptos para preencher objectivos desses; para já, não seria difícil multiplicar a organização de bibliotecas funcionando em condições adequadas e desenvolver por todos os meios a orientação de leituras para jovens.

Um outro aspecto condicionante do rendimento do trabalho formativo que compete à A.C., refere-se à necessidade de ter em conta, no campo dos princípios e no das realizações, que ele se destina a leigos, e, portanto, a ser integrado num contexto de vida própria do leigo e a dar resposta aos problemas que a essa condição dizem respeito. Quer na escolha de centros de interesse que lhe sejam adaptados, quer na própria organização das actividades por forma compatível com essa situação de vida - há que ter sempre em conta esta realidade. (Vem talvez a propósito falar aqui dos retiros, que são um dos mais valiosos meios de formação que a A.C. pode proporcionar e em cuja orientação importa não descuidar o que acaba de ser apontado. Importa também, de resto, que sejam adaptados ao nosso tempo e à mentalidade dos jovens, e que proporcionem, em muitos casos, uma participação mais activa dos que neles tomam parte).

Convém frisar aqui ainda um outro ponto, de resto já posto em prática por alguns dos organismos juvenis da A.C. Trata-se da necessidade do estudo e lançamento de planos de formação a longo prazo, que proporcionem, com carácter permanente, a todos os que passam por esses organismos, a possibilidade de, por forma estruturada e com a profundidade que só pode conseguir-se ao longo de vários anos, - serem atingidos pelos grandes aspectos básicos que devem integrar a sua formação pessoal e apostólica.

No contexto da especialização dos organismos, a formação deve pressupor uma definição dos elementos integradores da fisionomia sociológica e cultural de cada meio, e visar uma tomada de consciência, por parte dos seus membros, da existência desses elementos específicos e da dignidade e riqueza que lhes é inerente.

Um outro aspecto, ainda, refere-se a que é preciso atender, por forma realista, na orientação a dar a certos aspectos da formação, na escolha dos centros de interesse e na adaptação dos métodos, às características, vocação e missão distintas - embora complementares - que são próprias de cada sexo.

Neste rápido apontar de factores que condicionam a eficácia do trabalho de formação em relação à juventude, quero ainda referir o alcance e a importância de não se considerar sempre o jovem apenas como membro da A.C., artificialmente isolado das outras esferas em que decorre normalmente a sua vida - família, escola, paróquia, ambiente social e porventura outras organizações juvenis - mas procurar a colaboração e a conjugação dos esforços e possibilidades de cada uma, na medida e segundo a natureza que lhe é própria, para a consecução dos objectivos comuns neste campo. Além de multiplicar e enriquecer os recursos da acção formativa, é necessária a integração global e unificada, na sua vida, das influências que recebe através desses elementos diversos.

Por último, gostaria de acentuar um factor que é, afinal, condição necessária ^{para} a realização concreta de tudo o que foi dito: a exigência premente de que os maiores esforços sejam feitos no sentido de que toda a tarefa de formação que cabe à A.C. possa estar nas mãos de autênticos educadores, que o sejam na formação pessoal esclarecida e segura, no testemunho ~~da~~ e coerência da sua própria vida, na adequada e consciente preparação psico-pedagógica e na capacidade pessoal de contacto e compreensão dos jovens. O amadorismo e a improvisação, sempre perniciosos em quaisquer circunstâncias, assumem, neste caso, uma gravidade de incalculáveis dimensões. - Os organismos de adultos devem encarar com especial interesse e urgência o papel de grande responsabilidade que lhes cabe na colaboração a dar aos organismos juvenis neste domínio.

Que este breve relato possa ao menos ter concorrido para nos fazer entrever a magnitude e a transcendência da tarefa cometida à A.C. no campo da formação dos jovens - e, conseqüentemente, para tornar mais vivo e urgente um esforço sério de recrutamento e preparação dos educadores que possam estar verdadeiramente aptos a corresponder ao que deles exigem, neste momento, a juventude e a Igreja.

